

Sarney mudará até seu compromisso

O ESTADO DE S. PAULO — 5

BRÁSILIA AGÊNCIA ESTADO

O presidente José Sarney deverá fazer ainda esta semana um pronunciamento à Nação, não só para anunciar o futuro Ministério e os acordos partidários que lhe darão sustentação parlamentar, mas também para apresentar uma espécie de "novo compromisso", assumido juntamente com os remanescentes e os novos membros de sua equipe de governo.

A informação é de um ministro que tem participado das conversas com o presidente sobre a nova estratégia de seu governo. Segundo a fonte, a reforma ministerial que Sarney tem programada será ampla, respeitando apenas, dos atuais critérios, a representação regional. Assim, avalla esse mesmo ministro, poderão deixar o governo os ministros Ra-

phael de Almeida Magalhães, da Previdência e Assistência Social, Roberto Santos, da Saúde, e Deni Schwartz, do Desenvolvimento Urbano, sem que sejam substituídos necessariamente por outros peemedebistas.

Até terça-feira, segundo acreditam outras fontes do Palácio do Planalto, o presidente já deverá ter delineado a sua estratégia e estabelecido algumas definições. Esse é o prazo previsto também para que Sarney negocie o futuro sistema de governo com a Constituinte. De acordo com cálculos de assessores palacianos, o presidente já tem garantidos, na ponta do lápis, a seu favor, 120 peemedebistas. Faltariam apenas mais 30 para somar 150 e juntá-los aos 118 do PFL. O restante necessário para aprovar o presidencialismo, o presidente poderia conseguir por meio de

acordos com outros partidos, como o PTB, o PL e até o PDS.

Essa expectativa dos assessores palacianos, no entanto, pode frustrar-se, uma vez que, segundo o deputado federal Arnaldo Faria de Sá, de São Paulo, um levantamento feito por ele na bancada federal petebista revela que não há acordo possível entre seu partido e "esse governo corrupto e incompetente". Acentua o parlamentar petebista que, com o governo Sarney, "não dá nem para começar a conversar". O PL, até agora, também se tem mostrando arredio a qualquer tipo de acordo. E o PDS tem feito oposição sistemática ao Planalto. Do espectro partidário restariam o PDT de Leonel Brizola e o PT de Lula...

"Legenda não conta mais para o presidente Sarney. Agora ele quer mandar", revelou um de seus auxiliares mais próximos, acrescentando que Sarney está definindo apenas se

forma um governo suprapartidário ou de união nacional. Essa definição virá, conforme a fonte, antes que a Comissão de Sistematização comece a votar o futuro regime de governo. O presidente da República, garantiu esse assessor, não está mais preocupado com a discussão sobre o parlamentarismo; ele não quer o confronto, mas apenas estabelecer quanto tempo vai poder governar livremente.

GOVERNADORES

Embora esteja difícil para o presidente reunir número suficiente de parlamentares fiéis para garantir uma sólida base de sustentação no Legislativo, ele foi informado ontem por um governador do Nordeste que, até terça-feira, todos os governadores da região estarão em Brasília para se solidarizar formalmente com ele

e cobrar do PMDB o apoio necessário ao governo.

O que o presidente quer já está bem claro, comentou a fonte. E é nessa linha que ele também deseja uma definição do multipresidente Ulysses Guimarães sobre o que o PMDB tem a lhe oferecer em termos de apoio. Sarney, disse o assessor, não aceita mais a afirmação de que a crise atual é apenas um problema do presidente do PFL, Marco Maciel, e não passa de um rompimento entre os partidos que formavam a Aliança Democrática.

O Palácio do Planalto já está mais do que certo de que o PMDB não responderá a seu apelo como um bloco unido e homogêneo. Na verdade, continuou a fonte, se isso acontecesse seria uma verdadeira surpresa, considerando as facções irreconciliáveis que o partido abriga. O Planalto, disse a fonte, aposta mesmo é na di-

visão do PMDB, de onde deverá sair a parcela maior de parlamentares que apoiarão o governo.

Não foi apenas a proposta do parlamentarismo no ano que vem que aborreceu o PFL, mas sobretudo a possibilidade de ressurgimento do colégio eleitoral na eleição presidencial em dois turnos. Isso porque, observou o assessor presidencial, o colégio eleitoral representaria o fim do PFL, uma vez que a decisão final sobre quem seria o futuro presidente caberia exclusivamente ao PMDB, como partido majoritário.

Outra fonte palaciana, ouvida mais tarde, garantiu, contudo, que não passa de especulação qualquer antecipação dos ministros que vão cair e do que virão com a reforma. O fato é que Sarney ficou no Planalto, ontem, até as 14 horas e ninguém o visitou.